



20 de Fevereiro de 2013

- Política
- Economia
- Sociedade
- Internacional
- Tecnologia
- Cultura
- Saúde
- Carta Verde
- Carta na Escola
- Carta Fundamental
- Home
- Admiradas
- Comunistas
- Eventos
- Edições Anteriores
- Edição da Semana
- Fórum
- Central do Assinante

Política

tamanho da fonte



Matheus Pichonelli

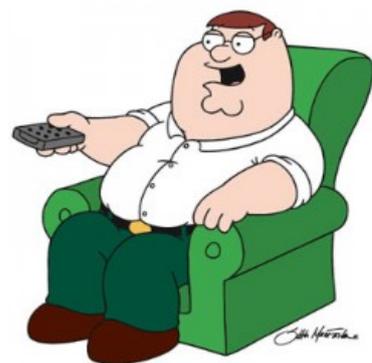
Crônica

"Direitos humanos para humanos direitos"

08.11.2012 16:23

[Curtir](#)
38 mil
[Tweeter](#)
810
103
3.7K

Almeidinha era o sujeito inventado pelos amigos de faculdade para personalizar tudo o que não queríamos nos transformar ao longo dos anos. A projeção era a de um cidadão médio: resmungão em casa, satisfeito com o emprego na "firma" e à espera da aposentadoria para poder tomar banho, colocar pijama às quatro da tarde, assistir ao Datena e reclamar da janta preparada pela esposa. O Almeidinha é aquele sujeito capaz de rir de qualquer piada de português, negro, gay e loira. Que guarda revistas pornográficas no armário, baba nas pernas da vizinha *desquitada* (é assim que ele fala) mas implica quando a filha coloca um vestido mais curto. Que não perde a chance de dizer o quanto a esposa (ele chama de "patroa") engordou desde o casamento.



O Almeidinha, ativista virtual e cidadão de bem.

O Almeidinha, para nosso espanto, está hoje em toda parte. Multiplicou-se em proporção geométrica e, com os anos, se modernizou. O sujeito que montava no carro no fim de semana e levava a família para ir ao jardim zoológico dar pipoca aos macacos (apesar das placas de proibição) sucumbiu ao sinal dos tempos e aderiu à internet. Virou um militante das correntes de e-mail com alertas sobre o perigo comunista, as contas no exterior do ex-presidente, os planos do Congresso para acabar com o 13º salário. Depois foi para o Orkut. Depois para o Facebook. Ali encontrou os amigos da firma que todos os dias o lembram dos perigos de se viver num mundo sem valores familiares. O Almeidinha presta serviços

humanitários ao compartilhar alarmes sobre privacidade na rede, homenagens a pessoas doentes e fotos de crianças deformadas. O Almeidinha também distribui bons dias aos amigos com piadas sobre o Verdão ("estude para o vestibular porque vai cair...hihihi") e mensagens motivacionais. A favorita é aquela sobre amar as pessoas como se não houvesse amanhã, que ele jura ser do Caio mas chegou a ele como Caio Fernandes (sic) Abreu.

O Almeidinha gosta também de se posicionar sobre os assuntos que causam comoção. Para ele, a atual onda de violência em São Paulo só acontece porque os pobres, para ele potenciais criminosos (seja assassino ou ladrão de galinha) têm direitos demais. O Almeidinha tem um lema: "Direitos Humanos para Humanos Direitos". Aliás, é ouvir essa expressão, que ele não sabe definir muito bem, e o Almeidinha boa praça e inofensivo da vizinhança se transforma. "Lógica da

Colunistas

[todos os colunistas](#)

Blogs



Cynara Menezes
Marina lança a sua Rede



Dal Marcondes
O partido da Sustentabilidade



Marcos Coimbra
Candidatos de fantasia



Mino Carta
Cristo traído



Pedro Serrano
Dworkin e Carlos Alexandre Azevedo



Wálter Maierovitch
Ratzinger e Martini

Eventos

[ver todos os eventos](#)

Premiação

O melhor de 'As Empresas Mais Admiradas 2012'

Saiba tudo o que ocorreu na última edição do evento

criminalidade", "superlotação de presídios", "sindicato do crime", "enfrentamento", "uso excessivo da força", para ele, é conversa de intelectual. E se tem uma coisa que o Almeida detesta mais que o Lula ou o Mano Menezes (sempre nesta ordem) é intelectual. O Almeida tem pavor. Tivesse duas bombas eram dois endereços certos: a favela e a USP. A favela porque ele acredita no governador Sergio Cabral quando ele fala em fábrica de marginais. A USP porque está cansado de trabalhar para pagar a conta de gente que não tem nada a fazer a não ser promover greves, invasões, protestos e espalhar palavras difíceis. O Almeida vota no primeiro candidato que propuser esterilizar a fábrica de marginal e a construção de um estacionamento no lugar da universidade pública.

Uma metralhadora na mão do Almeida e não sobraria vagabundo na Terra. (O Almeida até fala baixo para não ser repreendido pela "patroa", mas se alguém falar ao ouvido dele que "Hitler não estava assim tão errado" ganha um amigo para o resto da vida).

A cólera, que o fazia acordar condenando o mundo pela manhã, está agora controlada graças aos remédios. O Almeida evoluiu muito desde então. Embora desconfiado, o Almeida anda numas, por exemplo, de que agora as coisas estão entrando nos eixos porque os políticos – para ele a representação de tudo o que o impediu de ter uma casa na praia – estão indo para a cadeia. Ele não entende uma palavra do que diz o tal do Joaquim Barbosa, mas já reservou espaço para um pôster do ministro do Supremo ao lado do cartaz do Luciano Huck ("cara bom, ajuda as pessoas") e do Rafinha Bastos ("ele sim tem coragem de falar a verdade"). O Almeida não teve colegas negros na escola nem na faculdade, mas ele acha que o exemplo de Barbosa e do presidente Barack Obama é prova inequívoca de que o sistema de cotas é uma medida populista. É o que dizia o "meme" que ele espalhou no Facebook com o argumento de que, na escravidão, o tráfico de escravos tinha participação dos africanos. Por isso, quando o assunto encrespa, ele costuma recorrer ao "nada contra, até tenho amigos de cor (é assim que ele fala), mas muitos deles têm preconceitos contra eles mesmos".

O Almeida costuma repetir também que os pobres é que não se ajudam. Vê o caso da empregada, que achou pouco ganhar vinte reais por dia para lavar suas cuecas e preferiu voltar a estudar. Culpa do Bolsa Família, ele diz, esse instrumento eleitoral que leva todos os nordestinos, descendentes de nordestinos e simpatizantes de nordestinos a votar com medo de perder a boquinha. Em tempo: o filho do Almeida tem quase 30 anos e nunca trabalhou. Falta de oportunidade, diz o Almeida, só porque o filho não tem pistolão. Vagabundo é outra coisa. Outra cor. Como o pai, o filho do Almeida detesta qualquer tipo de bolsa governamental. A bolsa-gasolina que recebe do pai, garante, é outra coisa. Não mexe com recurso público. (O Almeida não conta pra ninguém, mas liga todo dia, duas vezes por dia, para o primo de um conhecido instalado na prefeitura para saber se não tem uma boca de assessor para o filho em algum gabinete).

O filho do Almeida também é ativista virtual. Curte PlayStation, as sacadas do Willy Wonka, frases sobre erros de gramática do Enem, frases sobre o frio, sobre o que comer no almoço e sobre as bebedeiras com os moleques no fim de semana (segue a página de oito marcas de cerveja). Compartilha vídeos de propagandas de carro e fotos de mulheres barrigudas e sem dentes na praia. Riu até doer a barriga com a página das barangas. Detesta política – ele não passa um dia sem lembrar a eleição do Tiririca para dizer que só tem palhaço em Brasília. E se sente vingado toda vez que alguém do CQC faz "lero-lero" na frente do Congresso. Acha todos eles uns caras fodásticos (é assim que ele fala). Talvez até mais que o Arnaldo Jabor. Pensa em votar com nariz de palhaço na próxima eleição (pensa em fazer isso até que o voto deixe de ser obrigatório e ele possa aproveitar o domingo no videogame). Até lá, vai seguir destruindo placas e cavaletes que atrapalham suas andanças pela cidade.

Como o pai, o filho do Almeida tem respostas e certezas para tudo. Não viveu na ditadura, mas morre de saudade dos tempos em que as coisas funcionavam. Espera ansioso um plebiscito para introduzir de vez a pena de morte (a única solução para a malandragem) e reduzir a maioria penal até o dia em que se poderá levar bebês de oito meses para a cadeia. Quer um plebiscito também para acabar com a Marcha das Vadias. O que é bonito, para ele, é para se ver. E se tocar. E ninguém ouve cantada se não provoca (a favorita dele é "hoje não é seu aniversário mas você está de parabéns, sua linda". Fala isso com os amigos e sai em disparada no carro do pai. O filho do Almeida era "O" zoão da turma na facul).

Pai e filho estão cada vez mais parecidos. O pai já joga Playstation e o menino de 30 anos já fala sobre a decadência dos costumes. Para tudo têm uma sentença: "É, Brasil". Almeida pai e Almeida filho têm admiração similar ao estilo civilizado de vida europeu. Não passam um dia sem dizer que a vida, deles e da humanidade em geral, seria melhor se o país fosse dividido entre o Brasil do Sul e o Brasil do Norte. Quando esse dia chegar, garantem, o Brasil enfim será o país

do presente e não do futuro. Um país à imagem e semelhança de um Almeidinha.

Leia também:

A eleição de 2012 transformou 'Soninha' em adjetivo

A ascensão conservadora em SP

Uma nação de Caco Antibes

O perfeito imbecil politicamente incorreto

Palhaço, eu?

 [Enviar para um amigo](#) [Imprimir:](#) [Compartilhar:](#) [Mais...](#)

Sua opinião



O estranho mundo dos comentaristas de jornal « Desinteligência crônica » disse:

2013-02-14 14:38:29

[...] quem são essas pessoas e por que são tão intolerantes e preconceituosas? São os vários

Almeidinhas, descritos com maestria por Matheus Pinchonelli, fortalecidos pelo anonimato e que adoram programas [...]



Nathalia disse:

2013-02-08 10:59:04

É engraçado ler os comentários e ver as interpretações totalmente diferentes que são expostas.

Talvez o texto não se trate de esquerda e direita, ou estereótipos da sociedade, talvez seja apenas uma caricatura sobre os conceitos que a sociedade deveria rever, se baseando na opinião do autor, que não precisa ser verdadeira.

ver todas as opiniões

**20
FEV**

FHC diz que PT faz “coisa de criança”

Um dia antes dos petistas comemorarem dez anos no poder, Fernando Henrique divulga vídeo rebatendo críticas.

**19
FEV**

Cynara Menezes vence prêmio 'Troféu Mulher Imprensa' de 2013

Repórter de CartaCapital foi a profissional mais votada na categoria Jornalista de Mídias Sociais com seu blog Socialista Morena

**19
FEV**

Mais de 4 milhões precisam de ajuda na Síria

Estimativa do Escritório das Nações Unidas é quatro vezes maior do que no último levantamento, feito há um ano

**19
FEV**

Ex-presidente da Costa do Marfim responde por crimes contra a Humanidade

Laurent Gbagbo é suspeito de ter apoiado um plano de assassinatos e ataques para continuar no poder

Enquete

O que deve acontecer com a Igreja Católica após a renúncia do papa Bento XVI?

Não vai acontecer nada. O Conclave vai eleger um sucessor tão conservador quanto Ratzinger e a Igreja seguirá assentada em conceitos medievais em pleno século XXI

A Igreja tem a chance de escolher agora um papa capaz de compreender que os novos tempos exigem tolerância, respeito e pluralidade

[Sobre a CartaCapital](#)

[Aviso Legal](#)

[Expediente](#)

[Central do Assinante](#)

[Retratos Capitais](#)

[Fale com a Redação](#)

[Adital](#)

[Agência de Notícias da Aids](#)

[Agência Pública](#)

[Anuncie Conosco](#)